

# Revisão bibliográfica sistemática sobre a necessidade de os espaços educacionais formais refletirem sobre temas tabus como a morte

Paloma da Trindade Bandeira <sup>[1]</sup>, Laércia Maria Bertulino de Medeiros <sup>[2]</sup>

[1] paloma.bandeira@gmail.com.[2] laercia.medeiros@gmail.com.Universidade Estadual da Paraíba/Departamento de Psicologia.

## RESUMO

A compreensão sobre a morte se modifica à medida que o ser humano envelhece. No que se refere à criança e ao adolescente, a morte está incorporada, de forma direta ou indireta, ao seu cotidiano. Portanto, faz-se necessário que haja uma educação que aborde o tema da morte com eles. A escola contribui para a promoção da socialização entre as crianças e os adolescentes, então é pertinente que essa mesma instituição proporcione o ambiente ideal para que ocorram debates sobre a morte. Este artigo é uma revisão bibliográfica sistemática, de abordagem qualitativa e caráter exploratório. Tem como objetivo principal fazer um levantamento de trabalhos científicos para identificar o processo de educação sobre a morte na escola. Após consultas em bases de dados, foram obtidos como amostra cinco textos acadêmicos. Esses textos, após serem submetidos à Análise de Conteúdo de Bardin, originaram um levantamento de identificação do processo de educação sobre a morte na escola. Os resultados encontrados demonstraram que a educação sobre a morte no ambiente escolar ainda é um desafio a ser enfrentado pelos profissionais da área da educação. Sugere-se pensar as instituições escolares como espaços que visem integrar e transpor o conhecimento e a vivência humana.

**Palavras-chave:** Educação. Tabus. Morte. Escola.

## ABSTRACT

*The understanding of death changes as the human being grows old. Regarding children and adolescents, death is directly or indirectly incorporated into daily life. Therefore, it is necessary to have an education which debates this theme with them. The school contributes to the promotion of socialization among children and adolescents, thus it is pertinent that such an educational institution provides the ideal environment for debates on death to occur. This article is a systematic bibliographic review, with a qualitative approach and exploratory character which aims to make a survey in scientific papers to identify the process of education about death at schools. Databases were consulted and five academic texts were obtained as a sample for this study. These texts were submitted to Bardin's Content Analysis and resulted in a survey identifying the process of education about death at schools. The results demonstrated that education about death in the school environment is still a challenge to be faced by professionals in the field of education. Thinking of school institutions as spaces that aim to integrate and transpose knowledge and human experience is suggested.*

**Keywords:** Education. Taboos. Death. School.

## 1 Introdução

A morte pode ser compreendida como a última instância da existência humana, ou seja, o fim da vida. Tal temática pode angustiar o ser humano, pois aponta para o término do seu existir e reafirma a sua finitude. Nem sempre a morte possuiu essa concepção, pois foi sendo alterada e construída, de acordo com os contextos culturais.

Segundo Epicuro (1998 *apud* KROEFF; OLIVEROS, 2014), a morte não significa nada para o ser humano, pois enquanto ele existe, ela não existe e vice-versa. Consequentemente, torna-se algo tolo, angustiar-se enquanto se aguarda por ela. Em contrapartida a esse pensamento, existe o de Heidegger (1980 *apud* ROTHSCHILD; CALAZANS, 1992), que afirma que todos os dias, através das escolhas que realizamos, determinamos a morte das outras possibilidades, sendo isso o que motiva a angústia. Dessa forma, o *ser-á* morre todos os dias (ROTHSCHILD; CALAZANS, 1992). Percebe-se, então, que a morte ocorre ainda enquanto há a existência do ser.

Contudo, a compreensão sobre a morte se modifica com a idade e depende do estágio de desenvolvimento humano e do período em que cada sujeito esteja quando vivencia alguma perda. Dessa forma, a concepção de morte que um idoso possui difere da concepção de morte de um adolescente, de uma criança, e assim sucessivamente.

A criança vivencia a primeira fase do desenvolvimento humano. É nela que o ser humano vai descobrindo o mundo e suas singularidades, e que as formações e concepções dos mais diversos conceitos, bem como os valores, vão se constituindo. No entanto, atualmente, a temática da morte é percebida como um tabu ou até mesmo como interdito e, como forma de preservar a criança desse interdito, muitas vezes não há diálogo sobre a morte.

Apesar disso, a morte está incorporada, de forma direta ou indireta, ao cotidiano da criança e do adolescente, seja através de noticiários que banalizam a morte do ser humano, através da morte de um animal de estimação ou, até mesmo, através de um desenho animado. Portanto, faz-se necessário que haja uma educação sobre a morte com crianças e adolescentes, pois, quando eles se depararem com o fim da vida, poderão encarar-la de forma mais natural, sendo capazes, também, de elaborar um luto saudável.

Considerando que a escola contribui para a promoção da socialização entre as crianças e os adolescentes, vale ressaltar que é pertinente que tal

instituição de ensino proporcione o ambiente ideal para que ocorram debates sobre a morte (CAPUTO; FORNAZARI, 2007). Entretanto, existem várias dificuldades para se falar sobre a morte no ambiente escolar.

Esses pressupostos justificam a relevância deste estudo, pois permitem um espaço para uma análise sobre a importância da educação sobre a morte na escola. Dessa forma, este trabalho possui como objetivo principal fazer um levantamento em trabalhos científicos para identificar o processo de educação sobre a morte na escola. Como objetivos secundários, busca-se compreender a educação sobre a morte no âmbito escolar, pretende-se averiguar as concepções nos textos científicos sobre a morte no âmbito escolar, e analisar criticamente as discussões sobre a relevância da educação sobre a morte em trabalhos científicos.

## 2 Referencial Teórico

### 2.1 A história da morte

A visão da morte foi se modificando no decorrer dos anos até chegar à visão dos dias atuais, que é compreendida como algo que se deve temer, pois possui uma carga negativa e perturbadora para o homem. Porém, nem sempre a morte teve essa visão.

Segundo Ribeiro (2008), antropólogos, através de seus estudos, constataram que o homem de Neandertal já se preocupava com seus mortos. Os povos Musterenses também demonstravam cuidado com os seus mortos, pois, além de proteger o cadáver com pedras, eles depositavam alimentos e as armas do morto sobre a sepultura de pedras, ou seja, não existia o abandono dos mortos. Os povos Kiboris, nos dias atuais, ainda edificam, durante toda a vida, um local no qual o seu corpo permanecerá após a morte.

Ribeiro (2008) também aponta que os antigos egípcios consideravam a morte como um acontecimento dentro do domínio da ação. Dessa forma, cada sujeito possuía o foco de pensar, sentir e agir em relação à sua morte. Os malaios, por sua vez, viviam em um sistema comunitário e compreendiam a morte de um componente como a perda do próprio grupo. Sendo assim, a morte era considerada como um processo a ser vivido por toda a comunidade, e não como algo individual.

Para a mitologia hindu, a morte é encarada como uma válvula de escape para o controle demográfico,

como forma de aliviar os recursos naturais e a sobrecarga populacional da Mãe Terra. No xamanismo, os mortos eram enterrados nas covas familiares e os que morreram há mais tempo, recebiam os recém-mortos. Desta maneira, as famílias eram constituídas tanto pelos vivos quanto pelos mortos (RIBEIRO, 2008). Partindo dessas noções, percebe-se que a morte possuía a ideia de continuidade e não de um fim, propriamente dito. Não havia, portanto, um rompimento brusco entre a vida e morte, o que fazia com que o homem pudesse lida com a morte com menos pavor.

Porém, na Idade Média, essas noções foram se modificando devido às circunstâncias adversas, como, por exemplo, a peste bubônica, que provocou morte em massa. A ameaça mais próxima da morte fez com que o homem a temesse, pois não tinha como controlar tal evento.

Segundo Ariès (2012), no começo do século XIX, os ritos da morte eram simples, aceitos e cumpridos, cerimonialmente, e não possuíam o caráter dramático ou gestos de excessivas emoções. Além disso, era comum a presença de crianças nos ritos da morte, pois “não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças.” (ARIÈS, 2012, p.39). Contudo, na segunda metade do século XIX, a presença de crianças nos ritos da morte tornou-se algo que provocava mal-estar.

A partir disso, uma série de conteúdos negativos começa a ser associada à morte: conteúdos perversos, macabros, bem como torturas e flagelos passam a se relacionar com a morte, tornando-se um evento perturbador que provocava um total estranhamento no homem (RIBEIRO, 2008).

Ariès (2012) relata ainda, que a morte revelou sua correlação com a vida em diversos momentos históricos. Porém, atualmente, após toda essa construção social da morte, o homem convive com ela de forma diferente, pois não se pode mais escolher o local em que vai morrer, o seu descanso de paz.

Nos dias atuais, o homem morre mais em leitos de hospitais do que em casa, perto dos seus familiares. “A morte natural deu lugar à morte monitorada e às tentativas de reanimação.” (RIBEIRO, 2008, p. 63). Dessa forma, o morrer, que antes era natural e acontecia no âmbito familiar, hoje é prolongado e ocorre distante dos seus. A ideia da morte foi associada a algo angustiante, penoso e torturante. Hoje, há uma preferência por uma morte instantânea a um sofrimento por causa de determinada doença.

Sendo assim, atualmente, a morte não é compreendida como parte da vida, mas sim como castigo ou punição, além de ser considerada um tabu em certas fases do desenvolvimento humano.

## 2.2 A educação sobre a morte

A concepção concreta da morte se caracteriza a partir do momento em que o ser humano compreende sua irreversibilidade, sua não funcionalidade e sua universalidade. Segundo Torres (2012), a irreversibilidade se caracteriza através da compreensão de que o corpo físico não pode viver depois da morte; a não funcionalidade, por sua vez, se identifica por meio da percepção de que todas as funções definidoras da vida cessam com a morte, e a universalidade se define através do entendimento de que tudo que é vivo, morre.

Segundo Kovács (2012a), crianças no período pré-operacional não compreendem essas características e quando vivenciam situações de perda por causa da morte, elas necessitam ser comunicadas sobre a irreversibilidade e a universalidade da morte. No que diz respeito ao período das operações concretas, as crianças diferenciam seres animados e inanimados, porém possuem dificuldades com abstrações e características biológicas essenciais. Dessa forma, vivências com a morte são capazes de contribuir para uma melhor compreensão sobre a temática e suas principais características.

Segundo Kovács (1992), no período das operações formais, as crianças identificam a morte como um processo interno que resulta na cessação das atividades do corpo. Elas também conseguem perceber a universalidade da morte e são capazes de elaborar respostas lógico- categoriais e de causalidade. Portanto, a visão de morte se torna mais realista conforme o avanço do desenvolvimento humano, o que ocorre de forma gradual.

Quanto à adolescência, fase do desenvolvimento definida por grandes mudanças, o ser humano adquire “um corpo novo e altamente potente; uma capacidade cognitiva, alavancada pelo raciocínio formal que permite experimentar, avaliar, analisar, descobrir coisas novas e participar de conversas em nível de igualdade com o adulto [...]” (KOVÁCS, 2012b, p.48). Dessa forma, os adolescentes conseguem perceber as principais características da morte, compreendendo sua irreversibilidade, sua não funcionalidade e sua universalidade. Porém, tal temática é pouco discutida e refletida, pois “o adolescente está caminhando

para o auge da vida, tem todas as potencialidades corporais e psíquicas, [...], e a morte está distante como possibilidade pessoal” (KOVÁCS, 1992, p. 55).

Partindo desses pressupostos, a educação sobre morte deve ocorrer de forma que atenda às particularidades de cada fase do desenvolvimento humano. A educação formal precisa ser, antes de mais nada, transdisciplinar, isto é, ter um olhar lançado para além das disciplinas. Tomando-se por base este conceito, a educação sobre a morte pode ser compreendida como uma educação para um melhor desenvolvimento intelectual e moral do homem. Tal processo pode ocorrer desde a idade mais nova até a idade mais avançada, desde que respeite o nível de desenvolvimento do sujeito.

Dialogar com uma criança sobre a temática da morte não é uma atividade fácil, pois ao falar sobre a morte, angústias e medos podem surgir na criança, o que é prejudicial para ela. Segundo Torres (2012), ao dialogar com a criança sobre a morte, é importante avaliar as experiências da criança com a morte, pois isso pode interferir na compreensão dela. Além disso, é significativo considerar as possíveis reações – somáticas e/ou comportamentais –, que a criança possa ter diante da morte. Dessa forma, é necessário ter uma preparação para esse diálogo.

Quanto ao processo da educação sobre a morte com crianças não há uma fórmula exata de como se deve proceder. Entretanto, de acordo com Caputo e Fornazari (2007), ao tratar da temática da morte com crianças faz-se necessário levar em consideração o desenvolvimento cognitivo e afetivo delas. Uma comunicação apropriada deve ser buscada, também.

Além disso, Torres (2012) orienta que é importante ouvir e observar a criança, permitindo que ela pergunte livremente e que não é necessário dar explicações além do que a criança está procurando. Importante, também, usar um tom de voz natural e ser franco e honesto, evitando recorrer a símbolos sentimentais ou eufemismo. É preciso evitar que a criança faça a correlação entre doença, hospital e morte. Quando se tem alguma crença, é importante que a fé seja compartilhada. Tão relevante quanto falar, é acariciar e abraçar a criança, pois isso atende às necessidades da criança em sua totalidade.

### 2.3 A escola e a demanda da morte: apontamentos

Segundo Silva e Ferreira (2014), a escola é uma instituição social de grande importância na sociedade,

pois possui o papel de fornecer preparação intelectual e moral para os alunos, além de colaborar com a inserção social. Tal instituição é fundamental para a contribuição do desenvolvimento do sujeito e da sociedade, pois deve formar cidadãos críticos e “inserir o cidadão/aluno na sociedade, por meio das relações interpessoais e coletivas. Afim de que este indivíduo esteja moderadamente preparado para enfrentar os conflitos presentes no cotidiano” (SILVA; FERREIRA, 2014, p. 10).

A escola está inserida na sociedade, da qual emergem várias demandas. Ela deve viabilizar o espaço para debater sobre essas demandas, positivas ou negativas, com o intuito de formar cidadãos capazes de lidar com as situações que surgirão durante o convívio em sociedade.

Segundo os princípios de aprendizagem significativa na educação propostos por Rogers (1997), educadores devem promover o real contato dos alunos com os problemas da vida. Os educadores podem estimular o desejo dos alunos de aprender, descobrir e criar. (RODRIGUEZ, 2010, p. 197).

De acordo com Kovács (2012a; 2012b), o espaço ideal para a educação sobre a morte seria a escola formal, pois é onde o indivíduo passa um tempo significativo da sua existência. Essa educação seria voltada para o desenvolvimento pessoal, para o aperfeiçoamento e para o cultivo do ser, de forma mais integral e no meio social no qual ele se encontre inserido. Vale ressaltar que a temática da morte na escola causa um desconforto não só nos educadores, como também nos pais. Além disso, alguns profissionais da área de educação não se sentem preparados para abordar tal temática em seu ambiente de trabalho. Porém, existem instrumentos facilitadores que auxiliam na abordagem dessa temática na escola. Tais instrumentos são: literatura, filmes, vídeos, contos/histórias, músicas, jogos, entre outros. Além disso, a disponibilização de um espaço para interações e discussões na escola pode desmistificar temáticas normalmente evitadas por adultos (SENGIK; RAMOS, 2015).

De acordo com Kóvacs (2012 a), o tema da morte é importante, pois faz parte do cotidiano. Além de possuir relação com outros assuntos, promove conhecimentos, reflexão e conscientização. Ademais, uma educação sobre a morte na escola com crianças e/ou adolescentes viabiliza uma assistência para quando

eles se depararem com a temática, seja através da morte concreta, simbólica ou escancarada.

A morte concreta se caracteriza através da vivência de uma perda significativa, seja a perda de amigos, de familiares, de animais de estimação, ou até mesmo de um ídolo. A morte simbólica, por sua vez, se define por meio das mortes em vida, que são vivenciadas ao longo do processo de desenvolvimento humano e que se correlacionam com a experiência da morte em si, representando o início e o fim de alguma situação da vida (RODRIGUEZ, 2010).

No que diz a respeito à morte escancarada, Rodriguez (2010) a define como a morte que invade a vida das pessoas sem nenhuma proteção, defesa ou controle. “Atualmente, ao mesmo tempo em que é evitada e negada, a morte invade os espaços, é vista sem ‘máscaras’ e ocorre na frente de qualquer pessoa, não poupando idade ou classe social.” (RODRIGUEZ, 2010, p.81).

No mais, a assistência da escola para alunos que estejam vivenciando algum tipo de morte, serve como rede de apoio. A educação sobre a morte na escola deve primar por uma atuação preventiva, pois quando os alunos se depararem com a experiência da morte e vivenciarem o luto, a perda pode não ser o eixo principal da vida do aluno, possibilitando a ele uma vida saudável e adaptativa diante a experiência de morte (WOTTRICH *et al.*, 2009).

### 3 Método

O presente artigo é uma abordagem qualitativa, que se caracteriza através de “um nível de realidade que não pode ser quantificado [...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças,

valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos [...]” (MINAYO *apud* BASTOS; FERREIRA, 2016, p.128). Trata-se de um estudo que tem como método de procedimento a revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos. Dessa forma. Possui, ainda, um caráter exploratório, o que proporciona um maior contato com a temática, tornando-a mais compreensível.

As consultas de bases de dados foram realizadas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), entre os meses de outubro e novembro de 2018, através dos descritores: educação, morte e escola. Foram empregados os seguintes critérios de inclusão: textos acadêmicos que se adequassem aos descritores de pesquisa, escritos em português, com publicação realizada entre os anos de 2000 e 2018, e que estivessem disponíveis em sua integralidade.

Após a pesquisa com os descritores e o exame dos critérios de inclusão, obtivemos um total de 284 textos acadêmicos, os quais foram submetidos a uma análise sobre o que falavam a respeito da temática. Sucessivamente, foram utilizados como amostra de estudo cinco textos acadêmicos, que foram analisados conforme os objetivos do presente artigo. Apesar de possuir um número alto de textos acadêmicos que se encaixaram nos descritores, após uma análise sobre a pertinência deles, percebeu-se que apenas cinco se encaixavam no objetivo principal deste artigo. Eram eles: três dissertações de mestrado, uma tese de doutorado e um artigo científico. Isso mostra a escassez de pesquisas sobre tal temática.

**Tabela 1** – Textos acadêmicos utilizados como amostra do estudo

Nº	Referência	Tipo de texto acadêmico	Ano de Publicação
1	FRONZA, L. P. <i>et al.</i>	Artigo	2015
2	MAEDA, T. S.	Dissertação	2017
3	MAGALHÃES, A. T. O.	Dissertação	2008
4	MELO, M. S. N.	Dissertação	2008
5	RODRIGUEZ, C. F.	Tese	2010

Fonte: autoria própria, 2019

Os resultados foram submetidos à Análise de Conteúdo de Bardin (1977), que se caracteriza como sendo:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42).

Segundo Medeiros (2012), a técnica da Análise de Conteúdo (AC) é utilizada para a análise de textos escritos ou outra comunicação que foi transformada em um registro escrito. Esse registro possui informações a respeito do comportamento humano constatado por uma fonte documental, com a finalidade de entender criticamente o sentido das comunicações. Dessa forma, a aplicabilidade dessa técnica é viável nesta pesquisa, uma vez que investiga o comportamento humano acerca da educação sobre a morte no âmbito escolar, por meio de registros escritos acadêmicos, e possui o intuito de analisar criticamente as discussões sobre a relevância da educação sobre a morte nos trabalhos científicos. Para Medeiros (2012, p. 86), “[...] tudo que é dito ou escrito é sucessível a ser submetido à análise de conteúdo”.

A análise de conteúdo de Bardin organiza-se em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise “é desenvolvida para sistematizar as ideias iniciais colocadas pelo quadro referencial teórico e estabelecer indicadores para a interpretação das informações coletadas.” (SILVA; FOSSÁ, 2015, p.3). Desta forma, a pré-análise da pesquisa se caracterizou pela organização propriamente dita do estudo por meio da escolha dos documentos para futura análise – o corpus da pesquisa. Logo após uma sondagem através da leitura flutuante dos trabalhos científicos, houve a formulação dos objetivos do estudo e a formação de indicadores, com a finalidade de interpretar o material coletado.

A exploração do material, segunda fase da Análise de Conteúdo, se caracterizou pela construção de operações de codificação, através de recortes dos textos acadêmicos em unidades de registros – palavras, frases e/ou parágrafos. Na sequência, as unidades de registros foram classificadas e agregadas em categorias iniciais, que, por sua vez, foram

organizadas por meio de temas correlatos. Em seguida, as categorias iniciais foram agrupadas tematicamente e originaram-se as categorias intermediárias, as quais também foram agrupadas de acordo com os temas e resultaram nas categorias finais. As categorias finais possibilitaram a realização da posterior análise.

No que se refere ao tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, a última fase da Análise de Conteúdo, ela se caracterizou pela compreensão dos “conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado” (SILVA; FOSSÁ, 2015, p.4).

## 4 Resultados

Através da Análise de Conteúdo de Bardin foi possível organizar o levantamento de identificação do processo de educação sobre a morte na escola em trabalhos científicos, estruturando-o com uma classe temática, as categorias e as subcategorias. Obteve-se como classe temática a educação sobre a morte na escola. Como categorias, obteve-se a participação nos rituais fúnebres, a qualificação dos professores, os recursos facilitadores e o questionamento da morte na escola. Tais categorias se dividiram em subcategorias.

**Tabela 2 –** Categorias e subcategorias referentes à educação sobre morte na escola

CLASSE TEMÁTICA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
EDUCAÇÃO SOBRE MORTE NA ESCOLA	Participação nos Rituais Fúnebres	Crianças nos rituais fúnebres; Evitamento de velórios; Participação da escola nos rituais.
	Qualificação dos Professores	Preparo dos professores; Desinibição em falar da temática.
	Recursos Facilitadores	Ferramentas facilitadoras; Literatura como recurso.
	Questionamento da Morte na Escola	A escola deve falar sobre a morte? Quando falar sobre a morte na escola?

Fonte: autoria própria, 2019

A categoria *rituais fúnebres* faz referência ao comparecimento nestes rituais e à experiência das manifestações humanas diante da morte. “Os rituais buscam explicações para a existência do homem, dão sentido à sua vida e tentam amenizar as angústias

diante da constatação da finitude.” (Bromberg, 2000 *apud* Rodriguez, 2010, p.221). Essa categoria se subdividiu em três partes: crianças nos rituais fúnebres; evitamento de velórios e a participação da escola nos rituais.

Na subcategoria *crianças nos rituais fúnebres*, percebeu-se que a maioria dos pais e professoras – participantes das pesquisas dos textos acadêmicos utilizados como corpus deste artigo – compreende que os locais onde ocorrem rituais fúnebres não são adequados para crianças frequentarem, pois tais rituais possuem um papel traumatizante para as crianças. Percebe-se isto através dos seguintes trechos: **D3**: “As falas ilustram as experiências em que as cerimônias de despedida passam a assumir um papel traumatizante para as crianças.”; **T1**: “Pode-se afirmar que a maioria dos pais [...] não concordam com a participação das crianças nos rituais fúnebres.”; **T1**: “As professoras da escola particular foram unânimes na não participação das crianças nesse evento [...]”.

Ariès (2012), ao tratar desta temática, relata que no século XVIII era comum a presença de crianças nos ritos da morte, no entanto, desde a segunda metade do século XIX, a presença de crianças tornou-se algo que provocava mal-estar. Atualmente, a presença de crianças nos rituais fúnebres ainda causa mal-estar e isto fica demonstrado através dos trechos dos textos acadêmicos acima. Kovács (2012 a), por sua vez, relata que na sociedade em que a morte é considerada interdita, há a crença que rituais fúnebres podem causar sofrimento na criança

Em não havendo concordância sobre a presença de crianças nos rituais fúnebres, conseqüentemente haverá um evitamento de velórios – segunda subcategoria – pois, como foi citado, são traumatizantes para as crianças. Dessa forma, com o intuito de proteger a criança, não é aceita a sua presença nos rituais fúnebres, havendo o distanciamento dela. No entanto, ao invés de proteger, pode-se estar prejudicando a criança, pois, no momento em que se priva a criança de comparecer aos rituais fúnebres, pode ser que não exista a criação do espaço para as manifestações diante da morte.

---

1 As siglas D1, D2 e D3 referem-se às dissertações utilizadas como corpus deste artigo; D1: dissertação 1, D2: dissertação 2 e D3: dissertação 3.

2 A sigla T1 refere-se à tese utilizada como corpus deste artigo; T1: tese 1.

Kovács (2012a) afirma que “o contexto social dos rituais ajuda na aquisição de significados, assim crianças têm oportunidade de se despedir do falecido, tendo seus sentimentos conhecidos.” (p.73). Desta maneira, a presença de crianças nos rituais fúnebres deve, sim, ocorrer, porém, respeitando a fase de desenvolvimento humano em que ela se encontra. Nas cerimônias fúnebres, as emoções podem ser expressas, acolhidas e compartilhadas, logo, as crianças se reconhecem como parte da família (KOVÁCS, 2012a). Além disso, vale ressaltar que, falar de morte com a criança não significa criar ou aumentar uma dor, mas aliviar a criança e contribuir na elaboração do luto (KOVÁCS, 1992).

Os rituais podem ajudar a simbolizar a morte do ente querido, favorecendo a reintegração cotidiana e social rompida pela mudança que a perda ocasiona. Além do mais, o investimento e dedicação presentes nos rituais poderão amenizar possíveis sentimentos de culpa, sendo o ritual fúnebre necessário para a maturação psicológica, por ter atribuições relevantes como: ajudar o indivíduo a confrontar-se com a perda concreta, entrando no processo de luto, possibilitando-lhe também a manifestação pública de seu pesar. (SOUZA; SOUZA, 2019, p.5).

No entanto, vale ressaltar que a participação ou não de crianças nos rituais fúnebres deve levar em consideração a singularidade de cada caso e história, uma vez que a participação nesses eventos pode ser benéfica, contanto que um adulto possa estar com a criança, dando-lhe suporte (ESSLINGER, 2015 *apud* MAEDA, 2017).

No que se refere à subcategoria *participação da escola nos rituais*, nota-se que há uma concordância, por parte das professoras que compõem o corpus do artigo. Constata-se isto por meio dos seguintes trechos: **T1**: “[...], a participação da escola nos rituais pode partir tanto do desejo dos alunos, quanto dos educadores.”; **A1**: “[...], o apoio ao aluno enlutado pode ser feito mais através de atitudes do que através de palavras.”.

A presença da escola em rituais fúnebres de alunos ou de seus familiares demonstra apoio. O aluno

---

3 A sigla A1 refere-se ao artigo utilizado como corpus deste trabalho; A1: artigo 1.

perceber essa assistência do ambiente escolar é algo benéfico, pois

O acolhimento é essencial para ajudar a significar perdas, promovendo prevenção de sofrimento, em parceria com os pais. Para Parkes (1998), é fundamental que a comunidade possa ajudar pessoas enlutadas e, no caso de crianças e jovens, a escola é parte integrante desse processo. (KOVÁCS, 2012a, p.76).

No entanto, quando houve a experiência de morte de um aluno de uma escola – presente no corpus do artigo – não houve a participação da escola dos rituais fúnebres, conseqüentemente, não houve também o suporte à família. Percebe-se isso através do seguinte trecho: **T1**: “[...], choque ao perceber a falta de vínculo da escola com a morte de um aluno e seus familiares.”.

Nota-se, aqui, uma incoerência nesta subcategoria, pois, ao mesmo tempo em que existe a concordância da presença da escola em rituais fúnebres, no momento em que houve a morte de um aluno, a escola ficou indiferente à essa questão.

A categoria *qualificação dos professores* remete à capacidade que os professores possuem em trabalhar a temática da morte no ambiente escolar. Segundo Kovács (2012b), a morte é tema presente na escola, dessa forma a preparação em lidar com a temática também inclui os profissionais da área da educação. Esta categoria, por sua vez, se dividiu em: o preparo dos professores e a desinibição ao falar da temática.

Na subcategoria *preparo dos professores*, verificou-se que parte dos professores presente no corpus do artigo sentem dificuldades para trabalhar a temática da morte no ambiente escolar. Constatou-se isto por meio dos seguintes trechos: **D1**: “As educadoras reconheceram a lacuna existente em sua formação e confirmaram o seu despreparo para lidar com o conceito morte quando se tornava necessário em sua atuação profissional.”; **T1**: “[...] tive contato com profissionais de educação [...], eles também mencionavam dificuldades, falta de preparo e não visualizavam com clareza possibilidades de atuação com os alunos, já que a morte é um tema tão pouco abordado.”; **D2**: “Os profissionais de educação infantil não recebem, na sua formação profissional, orientações para perceber, pensar e encarar questões relacionadas com a morte.”; **A1**: “Outras professoras observaram que não tiveram, nem em sua formação acadêmica, nem na trajetória profissional, palestras e cursos voltados especificamente para o tema da

morte, os quais poderiam dar maior segurança aos professores em relação a este tema.”.

Os educadores presentes no corpus do artigo, em sua grande maioria, não se sentem capacitados para trabalhar com a temática da morte no ambiente escolar. A falta de preparo para abordar a temática é ocasionada por causa da lacuna existente nos cursos de graduação. Segundo Kóvacs (2012b), parte dos profissionais da educação que encontram essa lacuna, denunciam-na.

Kóvacs (2012a) afirma que a formação do educador necessita ser revisada para incluir a questão da morte e das formas de acolhimento para crianças e adolescentes que estejam vivenciando esta experiência.

É fundamental que os professores recebam formação a respeito deste tema, seja na graduação ou em cursos de formação, a fim de que a morte possa ser tratada com os alunos através da inserção deste tema no currículo ou quando esses de maneira espontânea trouxerem questões relacionadas. (CAPUTO; FORNAZARI, 2007, p.5).

Por não existir o preparo na formação, muitas vezes o tema é silenciado no ambiente escolar. Percebe-se isto através do seguinte trecho: **D1**: “[...] esse assunto permanece velado no dia a dia da sala de aula, não por negligência, mas pelo despreparo para abordá-lo perante os educandos [...]”. Junqueira e Kóvacs, 2008 *apud* FRONZA *et al.*, 2015, relatam o provável ciclo vicioso no qual a falta de informação nutre o medo de abordar o tema da morte.

A realização de cursos de capacitação e de formação para profissionais da educação abordando a temática da morte pode ajudar para que a educação sobre a morte ocorra de forma adequada no ambiente escolar. Observa-se isto através do seguinte trecho: **T1**: “O ideal é ocorrer o preparo antes da ocorrência da morte, permitindo que professores possam ter uma “postura mais ponderada.”; **D3**: “[...] as participantes apontam que se faz necessário investir no preparo dos professores e na participação da família, para que juntos possam construir recursos de enfrentamento e rede de apoio para as crianças com foco no tema da morte.”.

Por causa da falta de preparo dos professores para abordar a temática da morte no ambiente escolar, pode não existir a *desinibição em falar da temática*, segunda subcategoria, uma vez que a falta de conhecimento

ocasionará insegurança nos profissionais de educação, eles próprios poderão vetar a temática ou ter timidez para falar sobre morte com o seu alunado – quer seja ele formado por criança ou por adolescentes. Identifica-se isso por meio dos trechos seguintes: **D2**: “[...] apesar de a maioria dizer que se sente à vontade em abordar o assunto morte com crianças sentem falta de um conhecimento maior sobre o tema para que possa falar com mais segurança, [...]”; **A1**: “Os próprios professores talvez não se sintam à vontade com a temática a ponto de pedirem que haja capacitações ou até mesmo palestras sobre o assunto.”.

Evidencia-se nesta subcategoria, novamente, a relevância que os cursos de formação e capacitação possuem na educação sobre a morte nas escolas. A partir do momento que os profissionais da educação forem qualificados, essa atividade será menos complicada e mais provável de acontecer no ambiente escolar. De acordo com Magalhães (2008), uma mediação aberta e sincera entre professores e o alunado favorece um possível diálogo e resignificação sobre a temática, uma vez que as informações adequadas colaborarão para que isso ocorra.

Kóvacs (2012b), afirma que cursos têm sido propostos para os profissionais da educação que demonstram dificuldades em lidar com o tema da morte com seus alunos. Além disso, o Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM), da Universidade de São Paulo (USP), disponibiliza um DVD intitulado ‘Falando de Morte na Escola’, onde são apresentadas propostas que podem ajudar os educadores a trabalharem a temática da morte com seu alunado, falando abertamente e sem metáforas, seja para acolher a dor do luto, seja para quebrar o tabu sobre a temática.

A categoria *recursos facilitadores* aborda meios que facilitam e favorecem a conversa sobre a temática da morte na escola. O tema da morte não é fácil de ser abordado, pois ainda é considerado tabu em nossa sociedade, porém existem recursos que podem favorecer a discussão. Rodriguez (2010) afirma que o âmbito escolar é um espaço onde podem ser encontrados elementos facilitadores. Esta categoria, por sua vez, se subdividiu em: ferramentas facilitadoras da temática e a literatura como recurso.

Na subcategoria *ferramentas facilitadoras* percebeu-se os que educadores presentes no corpus do artigo conheciam alguns recursos didáticos que auxiliariam na discussão do tema da morte. Identifica-se isso por meio dos seguintes trechos: **D1**: “[...]

assegurou que esses conteúdos eram abordados tendo como recursos didático-pedagógicos o uso da ‘expressão oral, DVD, reportagens de jornais, revistas, TV, poesias e músicas’.”; “Quanto aos recursos pedagógicos utilizados por ela, a mesma citou: ‘revistas, livros e DVD relacionado ao tema.’; “Sobre os recursos didático-pedagógicos, utilizados por ela para lecionar os citados conteúdos, a mesma afirmou que eram: ‘conversa informal, livros e jornais’.”.

Segundo Nicola e Paniz (2016), o uso de recursos didáticos diferenciados permite que o professor dinamize a aula, estabeleça relações importantes entre o aluno e o conteúdo a ser abordado, além de proporcionar a troca de conhecimentos. Ressalta-se aqui que isso também se aplica na abordagem da temática da morte na escola, pois a utilização dos recursos didáticos diferentes pode proporcionar um melhor desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com relação ao tema abordado, quer seja em relação à educação sobre a morte ou sobre outro tema.

Rodriguez (2010, afirma que compete ao professor procurar utilizar todos os recursos disponíveis para facilitar o aprendizado de seus alunos, contribuindo para que os jovens pensem criticamente e construam seu próprio saber. O Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM) também disponibiliza em seu site ([www.lemipusp.com.br](http://www.lemipusp.com.br)) umas listagens de livros, livros infantis, filmes e DVs produzidos pelo LEM e bibliografia sobre a temática da morte, o que ajuda muito na discussão do tema.

Verificou-se, além disso, que, grupos de amigos e diálogos sem censuras com os educadores também são considerados como recursos facilitadores. **T1**: “Foi observado que grupo de amigos, conversas sem censuras com familiares e educadores, jogos, esportes, músicas, literatura, pinturas ou esculturas, peças teatrais, fotografia, cinema, seriados de TV podem ser alguns recursos importantes.”. Segundo Fronza *et al.* (2015), as relações interpessoais constituídas na escola são importantes no processo educativo. Além disso, o diálogo sem censura pode fortalecer as trocas de opiniões e o desenvolvimento do tema no ambiente escolar.

Na subcategoria *literatura como recurso*, observou-se que os educadores presentes no corpus do artigo compreendem a literatura como uma ferramenta facilitadora que viabiliza a discussão e o aprendizado das diversas temáticas na escola, incluindo a temática da morte. A literatura é compreendida como um recurso fundamental no processo de

aprendizagem e pode ser utilizada em um alunado formado por crianças ou por adolescentes, pois possui aplicabilidade e efetividade com ambos os públicos. Rodriguez (2008) afirma que a utilização da literatura pode ser uma estratégia para favorecer a discussão e a reflexão sobre o tema da morte nas escolas.

Percebe-se isso por meio dos seguintes trechos:

**T1:** “No universo da criança e do adolescente, o uso da literatura é um recurso que pode levar a reflexões, indagações e descobertas sobre o crescimento e o desenvolvimento pessoal. Pode-se abordar temas como o corpo e a sexualidade, relacionamentos entre amigos e familiares, separações, perdas e mortes. [...]”; **D1:** “[...] a literatura infantil é uma ferramenta que o educador pode utilizar como recurso de ensino-aprendizagem sobre temas existenciais que se tornam difíceis de serem tratados com as crianças.”; **D2:** “Acredita-se que o contar histórias que abordem temas como perdas e mortes, facilita a compreensão e aceitação da criança para com o fato, pois além de ser uma atividade rica de afetividade é um meio de aproximação entre o adulto e a criança.”; **D2:** “[...] houve a oportunidade de refletir algumas questões sobre a literatura infantil como um recurso possível a tratar de temas existenciais na educação infantil, o que foi bastante proveitoso, podendo-se perceber como esse recurso instiga as pessoas a falarem das suas experiências vividas.”.

Segundo Sengik e Ramos (2015), livros literários para o público infantil e juvenil podem auxiliar o docente em discussões acerca do tema da morte. A escola pode proporcionar uma convivência com literaturas que discutam sobre temas polêmicos, como a morte, de forma natural e espontânea. Além disso, a leitura de obras literárias que abordem a temática não só auxilia na formação do conceito de morte, mas, ajuda na construção de significações e conhecimentos sobre o tema, contribuindo, desse modo, para educação sobre a morte. Sendo assim, a vivência com o tema na literatura pode auxiliar no entendimento do fenômeno da morte, quer seja ela concreta, simbólica ou escancarada.

Kóvacs (2016) afirma que os livros são significativos no processo de elaboração do luto, pois a identificação dos processos que ocorrem com os personagens pode auxiliar na sua elaboração. No entanto, a sugestão do livro deve ocorrer de forma cautelosa, não substituindo o contato com pessoas, funcionando como um complemento.

Magalhães (2008) e Kóvacs (2016) disponibilizam listagens de literaturas que abordam a temática da morte. Elas podem ajudar na compreensão das vivências das situações de perda e morte. Porém, utilizar obras literárias como recurso facilitador da temática da morte requer cautela, pois elas podem provocar dúvidas e receios, além de fazer com que o educador entre em contato com seus limites profissionais e pessoais (RODRIGUEZ, 2010). Mesmo que tenha havido um crescimento da produção de literatura que enfoca o sofrimento da criança e do adolescente, apenas uma pequena parte está orientada para a necessidade das comunidades escolares em relação à morte (PAIVA, 2011).

A categoria *questionamento da morte na escola* reporta-se às indagações sobre a temática da morte na escola, bem como às hesitações sobre a abordagem no ambiente escolar. Kóvacs (2012b), afirma que, uma vez que crianças e jovens passam a maior parte do dia na escola, parece que não seria despropositado que o tema da morte fosse debatido no ambiente escolar. Esta categoria, por sua vez, se dividiu em: a escola deve falar sobre a morte? e quando falar sobre a morte na escola?

Na subcategoria *a escola deve falar sobre a morte?*, verificou-se que os educadores presentes no corpus do artigo experienciam obstáculos que prejudicam a abordagem da temática da morte no ambiente escolar, mas eles reconhecem que o diálogo sobre o tema é uma necessidade. Constata-se isso através dos seguintes trechos: **D3:** “[...] evidenciei que as professoras participantes reconhecem como sendo importante para o desenvolvimento dos alunos falar abertamente [...] sobre a morte.”; **D2:** “[...] sabe-se da dificuldade de abordar essa temática na escola [...]. [...], coloca-se um grande desafio para os educadores, a possibilidade de mudar, de criar, visando uma educação ampla que enxergue o ser humanos na sua totalidade, proporcionando-o uma melhor qualidade de vida.”.

A escola deve, sim, falar sobre a morte, pois falar sobre esta temática no ambiente escolar possui o caráter preventivo, uma vez que ajuda o alunado a enfrentar as adversidades da morte/vida de uma forma mais saudável. Percebe-se isso através do seguinte relato: **T1:** “Não conseguimos evitar que nossos alunos enfrentem perdas, decepção e dor, mas podemos prepará-los para enfrentar as adversidades da vida da melhor maneira possível. Nesse sentido, falar sobre a morte na escola pode ter caráter preventivo.”.

Rodriguez (2010) diz que a escola pode proporcionar espaços para o alunado se fortalecer, preservar-se e saber enfrentar mais adequadamente situações de perdas e luto, utilizando o tempo com uma formação humana mais ampla. No momento em que é proporcionado o espaço na escola para a expressão dos sentimentos relacionados à vida do alunado, a escola torna-se um lugar seguro para falar abertamente sobre o tema da morte e sobre os demais assuntos considerados tabus (MAEDA, 2017).

Além disso, Rodriguez (2010), afirma que dialogar sobre a morte na escola pode preparar o alunado para ter uma maior sensibilidade ao tema, e isso irá ajudá-lo quando a morte vier a fazer parte da sua experiência de vida. Dessa forma, entende-se que falar sobre a morte no ambiente escolar, de modo adequado, pode gerar uma agregação de valores na formação do alunado e dos educadores, pois acrescentará conhecimentos sobre morte e/ou vida, o que beneficiará o desenvolvimento humano do sujeito.

Uma vez que a indagação a respeito de falar adequadamente sobre a morte na escola é respondida e compreendida como benéfica, surge outro questionamento relacionado à temática: quando devemos falar sobre a morte na escola?

Na subcategoria *quando falar sobre a morte na escola?*, verificou-se que os educadores presentes no corpus do artigo consideram adequado falar sobre a morte na escola quando a temática estiver associada ao contexto escolar, quer tenha sido uma demanda do alunado quer tenha sido uma demanda originada nas próprias disciplinas escolares. Consta-se isso através dos seguintes trechos: **T1**: “Em momentos que ocorressem situações relacionadas à morte no contexto escolar.”; “Quando os alunos trazem os vários temas para a sala de aula e quando o conteúdo da disciplina abordar temas relacionados à morte.”; “Nos momentos que fizer sentido para o educador; [...] a partir de situações ocorridas e relacionadas às várias mortes.”.

Não existe um modelo preparado que oriente sobre quando se deve falar sobre o tema da morte na escola, mas vale destacar a importância que se tem em se fazer educação sobre a morte na escola. Rodriguez (2008) afirma que a preocupação principal da escola é educar seres humanos em desenvolvimento. Sendo assim, é significativa a reflexão sobre a temática da morte no contexto escolar, pois a morte é um elemento presente no desenvolvimento humano.

Além disso, se depender da demanda do tema da morte na sociedade para saber quando abordar o tema no ambiente escolar, todos os dias existirão motivos para tal abordagem, visto que todos os dias ocorrem mortes na sociedade, sejam elas concretas, simbólicas ou explícitas.

A educação não pode deixar de receber influências dos fenômenos naturais e sociais que ocorrem dentro e no entorno da escola, também na esfera mais ampla da sociedade. Nem o professor pode continuar evitando abordar a morte na sua prática cotidiana, como se ela não existisse ou estivesse fora da sua realidade. É interessante que ele busque conhecimentos voltados a uma educação para a morte, a fim de desconstruir esse tema enquanto tabu na sala de aula, em todos os níveis de educação, a fim de constituir-lo enquanto objeto de conhecimento escolar na prática docente. (MELO, 2007, p. 8-9).

Segundo Rodriguez (2010), a temática da morte pode ser discutida nas atividades pedagógicas, sendo essas atividades realizadas periodicamente, com caráter preventivo e de cuidado com o alunado. Ao educador cabe o papel de criar as oportunidades para abordar o tema junto com o alunado, atuando como um facilitador, e não como detentor do saber (RODRIGUEZ, 2010).

Portanto, a educação e a tanatologia podem relacionar-se no processo de aprendizado. A escola e seu alunado possam caminhar respeitando a singularidade de cada um. Encontrar-se preparado para abordar sobre a morte na escola, não é determinado por respostas prontas (RODRIGUEZ, 2010).

## 5 Considerações

O presente artigo fundamentou-se em uma revisão bibliográfica sistemática, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, que permitiu compreender a educação sobre a morte no ambiente escolar. Além de compreender um pouco da vasta temática que é a educação sobre a morte, foi possível averiguar as concepções sobre a morte no âmbito escolar, bem como a relevância da educação sobre a morte na escola através dos trabalhos científicos.

Baseado nos resultados encontrados, e em concordância com os objetivos apresentados, notou-se que a educação sobre a morte no ambiente escolar ainda é um desafio a ser enfrentado pelos

profissionais da área da educação. Porém, ela também é caracterizada como sendo benéfica para todo o ambiente escolar, pois colabora no desenvolvimento humano do alunado, além de tornar a escola um ambiente seguro para o compartilhamento de questões pessoais e existenciais.

Evidenciou-se, com base em pesquisadores da área, que é propícia a presença de crianças e adolescentes nos rituais fúnebres, desde que eles possuam um suporte adequado para tirar suas dúvidas e demonstrar seus sentimentos. Da mesma forma, a participação da escola nos rituais fúnebres serve para acolher o alunado e colabora na significação da perda. No entanto, alguns profissionais da área da educação não concordam com a presença de crianças e adolescentes nos rituais fúnebres e, por isso, consentem a evitação de tais rituais.

Além disso, constatou-se que alguns profissionais da área da educação não se encontram preparados para abordar a temática da morte na escola devido à lacuna existente em sua graduação, bem como a ausência em cursos de capacitação. Devido à essa falta de qualificação, os profissionais da área da educação não se sentem à vontade para abordar o tema da morte na escola e ele acaba sendo silenciado. Porém, existem cursos e recursos que viabilizam uma forma adequada de falar sobre a morte na escola.

Diante disso, observou-se a existência de recursos facilitadores da temática da morte na escola. Por ser considerada ainda uma temática tabu em nossa sociedade, a utilização de recursos facilitadores cria condições propícias para a discussão da temática no ambiente escolar. No entanto, os recursos facilitadores só colaboraram se o profissional da área da educação estiver qualificado para utilizá-los, pois não adianta existirem recursos enriquecedores e não saber usá-los.

A literatura destacou-se como sendo uma ferramenta favorável para a educação sobre a morte na escola, pois é considerada como um recurso fundamental no processo da aprendizagem. Dessa forma, a utilização de uma literatura que aborde o tema da morte é capaz de ajudar na aprendizagem da compreensão sobre esse fenômeno de forma natural e espontânea.

Foi possível averiguar que a temática da morte deve, sim, ser abordada no ambiente escolar, pois possui um caráter preventivo e contribui para uma melhor qualidade de vida do alunado. Ao se falar da morte, também se fala da vida, e isso agrega valores humanos que contribuem para o desenvolvimento

humano, seja do alunado ou dos profissionais da área da educação. Além disso, o momento para se falar sobre morte na escola pode ser quando for demanda do alunado, das disciplinas escolares ou da sociedade. Dessa forma, pode ser em qualquer momento, desde que haja uma preparação e uma abordagem adequada.

Considera-se importante que os profissionais da Psicologia estejam capacitados para colaborar. Contudo, até mesmo nos cursos de graduação de Psicologia existe a lacuna do estudo sobre a morte e sobre como abordá-la. No entanto, os conhecimentos elaborados neste artigo, uma vez que forem divididos com a sociedade acadêmica, podem contribuir para a discussão sobre o estudo da morte e, conseqüentemente, para a educação sobre a morte no ambiente escolar.

Ressalta-se que este artigo não abordou a totalidade da discussão sobre a educação sobre a morte. Há, portanto, a necessidade de se realizar novos estudos sobre a temática, pois ajudará na compreensão da morte como um tema normal que deve ser estudado, e não como um tabu, até mesmo nas graduações.

Realizar uma educação sobre a morte é realizar uma educação sobre a vida, pois é através da compreensão das suscetíveis perdas da vida que o ser humano se torna consciente para viver de uma forma que agregue vida ao seu existir. Abordar sobre a morte na escola é possibilitar que essa compreensão ocorra desde a primeira fase do desenvolvimento humano, possibilitando ao sujeito dê a oportunidade de dar mais valor à vida desde a mais tenra idade. Sugere-se pensar as instituições escolares como espaços que visem integrar conhecimento e vivência humana; espaços nos quais temas tabus passem a ser discutidos sem medo e com responsabilidade.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História da morte no ocidente:** da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições, 1977.
- BASTOS, M. C. P.; FERREIRA, D. V. **Metodologia Científica.** Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016.
- CAPUTO, R. F.; FORNAZARI, S. A. Educação para a Morte: Desafios da Família e dos Profissionais da Educação. *In: Encontro científico, 1.; Simpósio*

de Educação UNISALESIANO, 1., 2007, Lins, São Paulo. **Anais**. Lins, São Paulo, p.1-12, 2007.

FRONZA, L. P. *et al.* O Tema da Morte na Escola: Possibilidades de Reflexão. *In: Revista Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.43, p. 48-71, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/228499411.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2019. <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.3496>.

KOVÁCS, M. J. Educadores e a morte. *In: Psicologia Escolar e Educacional*. V.16, n. 1, p. 71-81, 2012 a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/gvYZXXFXmV89Jq66KmvcWJf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 de junho de 2019. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100008>.

\_\_\_\_\_. **Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP, 2012b.

\_\_\_\_\_. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

\_\_\_\_\_. Falando de morte com crianças. *In: Psico. USP*, n. 2/3, p. 170-173, 2016. Disponível em: <https://www.ip.usp.br/revistapsico.usp/index.php/30-commentor-2/79-falando-de-morte-com-criancas.html>. Acesso em: 5 de julho de 2019.

KROEFF, P.; OLIVEROS, O. L. (Orgs.). **Finitude e Sentido da Vida: a Logoterapia no Embate com a Tríade Trágica**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

MAEDA, T. S. **Cemitério é Lugar de Criança? A Visita Guiada ao Cemitério Consolação como Recurso para Abordar a Educação Sobre a Morte nas Escolas**. 2017. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

MAGALHÃES, A. T. O. **As representações sociais da morte para professoras e pais em instituições de educação infantil**. 2008. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.

MEDEIROS, L. M. B. **Análise de conteúdo do discurso pedagógico dos professores formadores de um curso de Licenciatura em Física**. 2012. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2012.

MELO, M. S. N. **O conceito de morte: significações de professoras dos anos iniciais do ensino**

**fundamental**. 2008. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.

NICOLA, J. A.; PANIZ, C. M. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no ensino de biologia. **Rev. NEaD - Unesp**, São Paulo, v. 2, n. 1, p.355-381, 2016. Disponível em: <https://ojs.ead.unesp.br/index.php/neaD/article/view/InFor2120167/pdf>. Acesso em: 8 de agosto de 2019.

PAIVA, L. E. **A arte de falar da morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores**. São Paulo: Idéias & Letras, 2011.

RIBEIRO, E. E. **Tanatologia: Vida e Finitude - Informações Gerais Para os Módulos: Velhice e Morte, Medicina e Morte, Cuidados Paliativos e Bioética - Rio de Janeiro: UERJ, UnATI, 2008.**

RODRIGUEZ, C. F. Adolescentes – Vidas Interrompidas: Por Que é tão Importante falar sobre Morte com eles? *In: Morte e Existência Humana: Caminhos de Cuidados e Possibilidades de Intervenção*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 16-43, 2008.

\_\_\_\_\_. **Falando de morte na escola: O que os educadores têm a dizer**. 2010. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ROTHSCHIEL, D.; CALAZANS, R. A. Morte: Abordagem Fenomenológico-Existencial. *In: Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 142-148, 1992.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Literatura como Instrumento de Discussão Acerca da Morte. *In: Psicologia da Educação*. N. 41, p. 119-126, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1414-69752015000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-69752015000200009). Acesso em: 23 de julho de 2019. <http://dx.doi.org/10.5935/2175-3520.20150019>.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos. *In: Qualitas Revista Eletrônica*. V.17, n. 1, p. 1-14, 2015. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>. Acesso em: 2 de agosto de 2019.

SILVA, L. G. M.; FERREIRA, T. J. O papel da escola e suas demandas sociais. *In: Periódico Científico Projeção e Docência*. V. 5, n. 2, p. 6-23, 2014. Disponível em: <http://>

revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/415. Acesso em: 3 de setembro de 2019.

SOUZA, C. P.; SOUZA, A. M. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. *In: Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, p. 1-27, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/McMhwzWgJZ4bngpRjL4J8xg/?lang=pt>. Acesso em: 24 de agosto de 2019. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>.

TORRES, W. C. **A criança diante da morte:** desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

WOTTRICH, S. H.; *et al.* Educação para a morte na escola: aproximações sobre o tema em sala de aula. *In: XV Encontro Nacional da ABRAPSO*, 2009. **Anais...** Maceió, AL: ABRAPSO, 2009.